

## **SEMIÓTICA, CIBERATIVISMO E PAIXÕES NOS COMENTÁRIOS DA FANPAGE DO MOVIMENTO BRASIL LIVRE (MBL)**

### ***SEMIOTICS, CYBERACTIVISM AND PASSIONS IN THE COMMENTS OF THE FANPAGE “MOVIMENTO BRASIL LIVRE (MBL)”***

Natália Silva Giarola de Resende  
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil  
[nati.giarola@gmail.com](mailto:nati.giarola@gmail.com)

**RESUMO:** O presente artigo tem como objetivo investigar as paixões mobilizadas pelo ciberativismo nos comentários da *fanpage* do Movimento Brasil Livre (MBL). O *corpus* se constitui de comentários da *fanpage*, feitos entre os dias 17 de abril de 2016 até o dia 12 de maio 2016, período do *impeachment* da então presidente Dilma Rousseff. Para compreender o panorama em que estão inseridas as publicações, traçaremos um rápido quadro político, assim como abordaremos teoricamente o ciberativismo. Utilizaremos como referencial teórico-metodológico autores que abordam a semiótica discursiva, tais como Greimas e Fontanille (1993), Fontanille (2015), Barros (1990, 1994), Greimas (2014) e Fontanille e Zilberberg (2001). A partir da articulação entre os fundamentos teóricos e as reflexões resultantes da análise da Semiótica das Paixões, verificaremos como os comentaristas deixam transparecer suas paixões por meio de construções passionais e como essas paixões os movem como ciberativistas nos comentários.

**PALAVRAS-CHAVE:** semiótica das paixões; semiótica discursiva; ciberativismo; redes sociais.

**ABSTRACT:** This article aims at investigating the passions mobilized by cyberactivism in the comments on the fanpage *Movimento Brasil Livre (MBL)*. Our corpus consists of those comments from between April 17, 2016 and May 12, 2016, period of the Brazilian President Dilma Rousseff's impeachment. To understand the context in which such publications are inserted, we will draw a rapid political framework, as well as theoretically address cyberactivism. In addition, we will use authors who approach discursive semiotics as theoretical-methodological reference such as Greimas and Fontanille (1993), Fontanille (2015), Barros (1990; 1995), Greimas (1983) and Fontanille and Zilberberg (2001). By articulating the theoretical foundations with the reflections resulting from the analysis of the Semiotics of Passions, we will verify how the commentators leave their passions through passionnal constructions and how these passions shape them as cyberactivists in the comments.

**KEYWORDS:** semiotics of passions; discursive semiotics; cyberactivism; social networks.

## **1 Introdução**

O presente artigo, fruto da dissertação de mestrado intitulada “As Paixões Ciberativismo: Análise Semiótica dos comentários das *FanPages* do Movimento Brasil Livre

(MBL) e Frente Brasil Popular (FBP)” (RESENDE, 2018), tem como objetivo investigar como a paixão mobiliza o ciberativismo nos comentários da *fanpage* do MBL, levando o leitor a demonstrar seu posicionamento em relação ao *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff. Trabalharemos especificamente com comentários das postagens entre o período de 17 de abril de 2016, data da votação da abertura do processo de *impeachment* da presidente Dilma Rousseff na Câmara dos Deputados, até o dia 22 de abril de 2016, visita da presidente aos Estados Unidos, além dos comentários do dia 12 de maio, data que corresponde ao afastamento da então presidente.

Para desenvolver esse estudo, foi utilizado, como recurso teórico-metodológico, a Semiótica Discursiva, no que tange à Semiótica das Paixões, a partir dos trabalhos de Greimas e Fontanille (1993), Fontanille (2015) e Barros (1990). Consideramos que o discurso utilizado nos comentários é construído por um sujeito da enunciação que deixa transparecer sua paixão. Esta, por sua vez, será entendida como efeito de sentido de qualificações modais que modificam o sujeito de estado.

Em um primeiro momento, apresentaremos nosso *corpus* de estudo, introduzindo uma breve contextualização histórica do momento político que o Brasil vivenciava, seguida de uma conceituação teórica sobre ciberativismo. Na segunda parte do artigo, realizaremos uma abordagem histórica e metodológica da Semiótica da Escola de Paris, desenvolvida por Algirdas Julien Greimas, e seu percurso gerativo de sentido. Por fim, apresentaremos alguns fundamentos teórico-metodológicos da Semiótica das Paixões, precedidos por algumas análises.

## 2 *Fanpages* como palco do ciberativismo

No Brasil, o ano de 2010, em suas eleições presidenciais, tornou-se um marco nacional na adoção da Internet, pois “apresentou um cenário diferenciado, permitindo afirmar que as ferramentas digitais, por conta de sua difusão junto ao eleitorado, assumem uma importância, de certa forma, inédita” (MARQUES; SAMPAIO, 2011, p. 210). Já no pleito de 2014, as redes sociais ganharam uma projeção substancial, principalmente as *fanpages*<sup>1</sup> do Facebook, tornando-se palco de debates e comentários da agenda pública nacional.

Em relação ao cenário político, desde as eleições de 2014, o Brasil vem enfrentando uma crise política com escândalos de corrupção e pedidos de *impeachment*. A então presidente Dilma Rousseff, reeleita em 2014, enfrentou uma forte rejeição por conta de escândalos de corrupção, como o da Petrobrás<sup>2</sup>, das impopulares medidas de ajuste fiscal que afetaram a classe média brasileira, além de outros fatores que

1 De acordo com o Facebook, “as fanpages existem para que as organizações, empresas, celebridades e bandas transmitam muitas informações aos seus seguidores ou ao público que escolher se conectar a elas” (FACEBOOK, 2016).

2 Segundo publicação realizada pela UOL (2015), a escândalo da Petrobras foi descoberto na operação Lava Jato, conduzida pela Polícia Federal (PF), em março de 2014. O objetivo era apurar suposto esquema de desvio e lavagem de dinheiro envolvendo diretores da estatal, grandes empreiteiras e políticos. A operação recebeu este nome pois um dos grupos envolvidos no esquema fazia uso de uma rede de lavanderias e postos de combustíveis para movimentar o dinheiro ilícito. UOL. Disponível em: <http://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2015/02/05/quer-entender-o-que-acontece-na-petrobras-veja-este-resumo.htm>. Acesso em: 14 dez. 2016.

culminaram em manifestações populares a favor e contra sua permanência na presidência.

Além disso, alguns fatores importantes merecem destaque. O primeiro deles é o chamado antipetismo. Oliveira (2016) caracteriza-o como um fenômeno em que a disputa está entre os que apoiam o Partido dos Trabalhadores (PT) e aqueles que desejam tirar o partido do poder. O discurso do ódio é outro fator que deve ser levado em consideração, tanto em posições antipevistas quanto favoráveis. O principal motivo do aumento desse discurso foram os sites de redes sociais (OLIVEIRA, 2015). Os dois últimos fatores são: a) a volta da disputa ideológica marcada pela centro-esquerda versus centro-direita; b) o Congresso, após as eleições, ficou configurado com um perfil conservador.

Em meio ao amplo e distinto universo de *fanpages* que surgiram nesse período, compreendido entre as eleições de 2014 até a abertura do processo de *impeachment* da então presidente do Brasil Dilma Rousseff (PT), em maio de 2016, destaca-se a *fanpage* do Movimento Brasil Livre (MBL) (<https://www.Facebook.com/mblivre/timeline>), que constituía nosso objetivo de análise neste artigo.

### 2.1.1 Movimento Brasil Livre

Em termos gerais, nosso estudo se interessa pelas discussões e conversações que o Facebook oferece por meio dos comentários contidos na *fanpage* do Movimento Brasil Livre entre o período de 17 de abril de 2016, data da votação da abertura do processo de *impeachment* da presidente Dilma Rousseff na Câmara dos Deputados, até o dia 22 de abril de 2016, visita da presidente aos Estados Unidos, além dos comentários do dia 12 de maio, data que corresponde ao afastamento da presidente.

O MBL foi criado em 1º de novembro de 2014. Trata-se de um movimento político brasileiro que defende o liberalismo e o republicanismo. De acordo com o Jornal Opção (maio de 2015), o Movimento Brasil Livre nasceu de manifestações pela investigação do Petrolão<sup>3</sup> e por mais liberdade de imprensa, ocorridas em São Paulo e no Rio Grande do Sul, no final de 2014.

O movimento se espalhou pelo país e ganhou notoriedade na sua *fanpage* no Facebook, que possui um público total em torno de um milhão e quinhentos mil seguidores. Segundo a publicação do jornal, o MBL se declara de direita<sup>4</sup>, apesar de afirmar “que não há um partido político essencialmente liberal que os represente”.

3 Segundo o site Significados, o “Petrolão é o nome dado para um esquema de corrupção e desvio de fundos que ocorreu na Petrobras, a maior empresa estatal brasileira”. O escândalo relacionava vários partidos políticos, como PT, PP e o PMDB. (SIGNIFICADO de Petrolão. 2017. Disponível em: <https://www.significados.com.br/petrolao/>. Acesso em: 15 nov. 2017).

4 Nesse trabalho, utilizaremos os termos direita e esquerda de acordo com a perspectiva de Norberto Bobbio (1994). Para o autor, a distinção entre os dois lados políticos se faz a partir da ideia de igualdade. Para a esquerda, as políticas devem buscar a máxima inclusão possível, valorizando as necessidades humanas, a função social do trabalho e a vida em comunidade. Já a direita, tem como objetivo a máxima diferenciação, valorizando o mérito individual, a propriedade como um direito absoluto e a hierarquia social. Contudo, o autor explica que a dicotomia esquerda/direita está ligada à questão da igualdade e não da liberdade, ressaltando que nem sempre a esquerda deseja eliminar toda a desigualdade e nem a direita quer eliminar tudo que é igualitário, por isso existe uma linha tênue entre os dois.

A *fanpage*, de cunho político, tem por finalidade difundir informações e reivindicações para buscar apoio e mobilização para uma causa, além de criar espaços para discussões, troca de informação, mobilização para ações e protestos *on-line* e *off-line* (em locais físicos, como ruas, praças, escolas).

Além disso, o Movimento Brasil Livre faz parte de um novo espaço de lutas sociais contemporâneas, pertencendo ao que denominaremos neste trabalho de ciberativismo, ativismo digital ou ativismo *on-line*. Esse fenômeno ocorre devido às novas plataformas de interação *on-line*, como o Facebook, as quais facilitam as atividades em termos de tempo, distância geográfica e custo.

## 2.2 @internet e #ativismo

O ciberativismo, termo relativamente novo e impulsionado por Sandor Vegh (2003), é “composto de ações pró-ativas para alcançar um determinado objetivo ou de ações reativas contra controles e autoridades impostas<sup>5</sup>” (VEGH, 2003, p. 72). Para o autor, o ciberativismo é a utilização da Internet por movimentos politicamente motivados com o objetivo de alcançar suas tradicionais metas ou lutas. Ele engloba desde a simples procura e distribuição de informação (conscientização/apoio), até o *hackativismo* (ação/reação), além de envolver a possibilidade de organização e mobilização de indivíduos a partir da rede em prol de uma causa (organização/mobilização).

Na primeira categoria, intitulada *conscientização* e *apoio*, Vegh (2003) explica que a Internet funciona como uma fonte alternativa de informação. Nela, os indivíduos e organizações podem divulgar informações e eventos não relatados ou relatados de forma imprópria pelos meios de comunicação tradicionais, como os telejornais. A maioria dos ativistas dessa categoria busca proteger e reivindicar os direitos de segmentos marginalizados. A exemplo dessa categoria, podemos citar dois comentários retirados do texto-enunciado do MBL, “Final da votação: 367 votos pelo *impeachment*”, publicado no dia 17 de abril de 2016, e corresponde ao final da votação da abertura do processo de *impeachment* da presidente Dilma Rousseff na Câmara dos Deputados, conforme Figura 1.

5 “is comprised of proactive actions to achieve a certain goal or of reactive actions against controls and the authorities imposing them” (VEGH, 2003, p. 02).

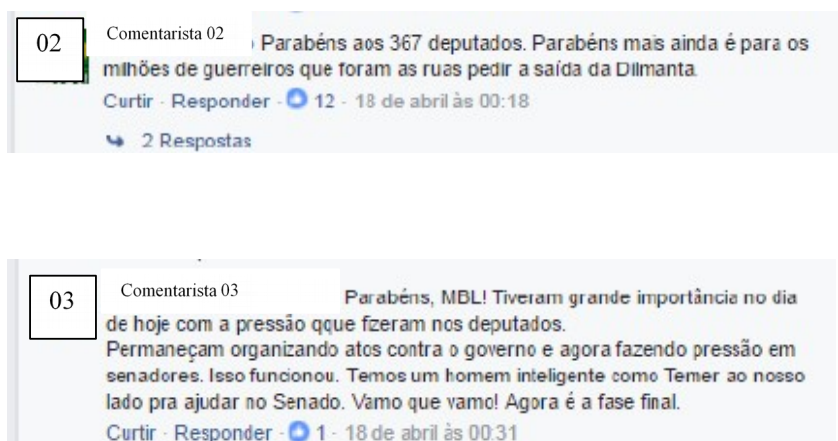


Figura 1: comentarista 20 na *fanpage* Movimento Brasil Livre, Facebook.

Fonte: <https://www.facebook.com/mblivre>

A matéria-base publicada pelo MBL mostra bastidores da votação, as manifestações organizadas pelo movimento e aspectos não mostrados pela mídia tradicional, na qual os comentaristas parabenizam o resultado e a própria *fanpage* pela atuação no resultado.

A segunda categoria proposta por Vegh (2003, p. 74) é a *organização e mobilização*, a partir da Internet, para uma determinada ação. Segundo o autor, existem três formas de mobilização partindo do uso da rede: (1) convite dos ativistas feito através da Internet a diferentes usuários, para que assim executem ações *off-line*, por meio de envio de *e-mails* e sites com data, local e horário de uma determinada mobilização; (2) utilização da rede para a execução de uma ação que aconteceria *off-line*, mas que pode ser mais eficaz se for executada nas redes sociais, por exemplo; (3) uso da Internet para ações que só podem ocorrer na rede, como organizar e mobilizar pessoas para uma campanha massiva de envio de *spams*<sup>6</sup> para saturar um servidor.

A organização e a mobilização para ações que só ocorrem on-line pode ser exemplificada pela postagem realizada pela MBL (Figura 2), no dia 17 de abril, intitulada “1 milhão de curtidas – Dia histórico! Por coincidência, no dia da votação”.



Figura 2: MBL atinge um milhão de curtidas, *fanpage* Movimento Brasil Livre, Facebook.

Fonte: <https://www.facebook.com/mblivre>

6 De acordo com o site Significado, “spam é um termo de origem inglesa cujo significado designa uma mensagem eletrônica recebida mas não solicitada pelo usuário”. Normalmente, os conteúdos das mensagens são publicitários. Disponível em: <https://www.significados.com.br/spam/>. Acesso em: 15 nov. 2017.



Essa ação só pode ocorrer via o site o Facebook. Em outras palavras, um milhão de pessoas curtindo a *fanpage* do Movimento Brasil Livre é um ato que só acontece na Internet, por meio da utilização das redes sociais. O mesmo vale para a lista de pessoas que curtem a página.

A terceira e última categoria direcionada para a classificação de formas de ativismo digital, segundo Vegh (2003), é constituída pelas iniciativas de *ação/reação*. Elas são popularmente conhecidas como *hacktivismo*, ou ativismo *hacker*. Nesse grupo, estão os diversos tipos de atos como invasão e/ou congestionamento de *sites* e até mesmo cibercrimes ou ciberterrorismo.

Assim, conforme as novas ferramentas tecnológicas vão se desenvolvendo, novas maneiras de agir coletivamente também vão sendo veiculadas, como, por exemplo, o ciberativismo. Um dos pontos principais do ciberativismo é lutar contra o desinteresse pela coisa pública, criando alternativas de participação popular por meio de sites, blogs e redes sociais.

### 3 Uma introdução à Semiótica

Segundo o *Dicionário de Semiótica* (COURTÉS; GREIMAS, 1979, p. 415), a semiótica é uma teoria da significação, cujo objetivo consiste em explicar as condições de produção e de apreensão do sentido. Para os autores, a semiótica tem sua origem na tradição estruturalista saussuriana e hjelmsleviana, mas também na teoria da narratividade de Vladimir Propp, no seu tratamento dos contos folclóricos. De acordo com essas abordagens, o significado resulta da apreensão das diferenças a partir do nível da combinação e da seleção e na base das relações entre uma estrutura formal e uma estrutura de conteúdo, o que leva a proposição de uma estrutura elementar da significação.

Inicialmente, esses estudos se preocupavam com os signos e os sistemas de signos. “Entretanto, hoje, essa disciplina orienta-se fortemente em direção a uma teoria do discurso e volta seu interesse para os conjuntos significantes” (FONTANILLE, 2015, p. 29). Como Fontanille ressalta, o campo de exercício empírico da semiótica é o discurso e não o signo: a unidade de análise é um texto, seja ele verbal ou não verbal.

A teoria semiótica greimasiana surgiu no final dos anos 1960, tendo seu apogeu no início da década de 1970. Para Fontanille (2015, p. 22), essa semiótica dos anos de 1960, constituída como um ramo das ciências da linguagem, sendo marcada pelo estruturalismo, dotou-se de uma teoria forte e de métodos coerentes, mas apresentou alguns problemas não resolvidos, como, segundo menciona Fontanille (2015) o fato de a semiótica, devido a essa base estruturalista, ter se afastado de suas análises os elementos relacionados ao subjetivismo presente nos textos.

O receio por trás dessa exigência era de que o *eu* do discurso fosse confundido com o *eu psíquico*, o que, como consequência, levava os estudos semióticos a rejeitarem, em suas análises, os elementos da subjetividade do discurso. Portanto, nesse início, a semiótica deixou à margem as preocupações com o ser do discurso, configurando-se como uma semiótica da ação.

A partir da década de 1970, a semiótica passou por uma nova fase em que a

questão da subjetividade discursiva, que havia sido descartada, começou a ganhar importância, principalmente por meio de estudos da pragmática e da linguística da enunciação. Esse movimento inicia-se com o reconhecimento no quadro teórico da existência do *ser* e do *fazer* como formas elementares de enunciado: enunciado de fazer e enunciado de estado – as modalizações. Ressalta-se, no entanto, que, nessa fase, a teoria ainda estava condicionada e restrita a uma gramática narrativa.

Nos anos de 1980 e 1990, a teoria semiótica começou a se preocupar com a questão do sensível no discurso, ou seja, o estudo da afetividade. De acordo com Lara e Matte (2009), o desenvolvimento da semiótica pode ser basicamente descrito em quatro fases: (01) constituição do percurso gerativo de sentido; (02) compreensão da competência modal do sujeito que realiza a transformação; (3) estudo das modalizações do *ser*; (04) a semiótica das paixões.

### 3.1 O texto e o percurso gerativo do sentido

Para Greimas e Courtés (1979), o texto pode ser compreendido como uma cadeia linguística ilimitada. Fontanille (2015), por sua vez, descreve o texto como “aquilo que se dá a apreender, o conjunto dos fatos e dos fenômenos que ele se presta a analisar” (FONTANILLE, 2015, p. 85). Assim, para analisar o texto, a semiótica se vale do percurso gerativo do sentido.

Greimas e Courtés (1979) explicam que o percurso gerativo é um dispositivo que simula a produção/interpretação do discurso. Eles distinguem três campos autônomos para a construção do percurso gerativo: (01) nível fundamental: estruturas semânticas elementares; (02) nível narrativo: estruturas narrativas; e (03) nível discursivo: estruturas discursivas. O primeiro campo corresponde a uma forma mais simples e abstrata, marcada pelas oposições semânticas mínimas; o segundo organiza a narrativa do ponto de vista de um sujeito; e, por fim, o campo discursivo tem a narrativa assumida por um sujeito da enunciação.

No nível fundamental determinam-se as oposições semânticas que estão na base do discurso, marcando as relações semânticas como eufóricas (positivas) ou disfóricas (negativas). O segundo nível – o narrativo – caracteriza-se como um nível actancial, marcado pelas relações do sujeito com os objetos e com outros sujeitos. Nesse nível, os conteúdos são transformados pela ação de um sujeito de fazer, modalizações, por isso chamada de semiótica da ação. Por fim, o nível discursivo marca a projeção da pessoa, do tempo e do espaço, especificadas por temas e figuras, isto é, as relações entre uma instância da enunciação, responsável pela produção e pela comunicação do discurso, e a instância da sua manifestação, aquela do texto-enunciado.

Para melhor compreensão, tomaremos o exemplo a seguir, da Figura 3, retirado da página online do Movimento Brasil Livre, correspondente à matéria *1 milhão de curtidas* publicada no dia 17 de abril, mesmo dia da votação realizada na Câmara dos Deputados, para abertura do processo de *impeachment* da então presidente Dilma Rousseff.

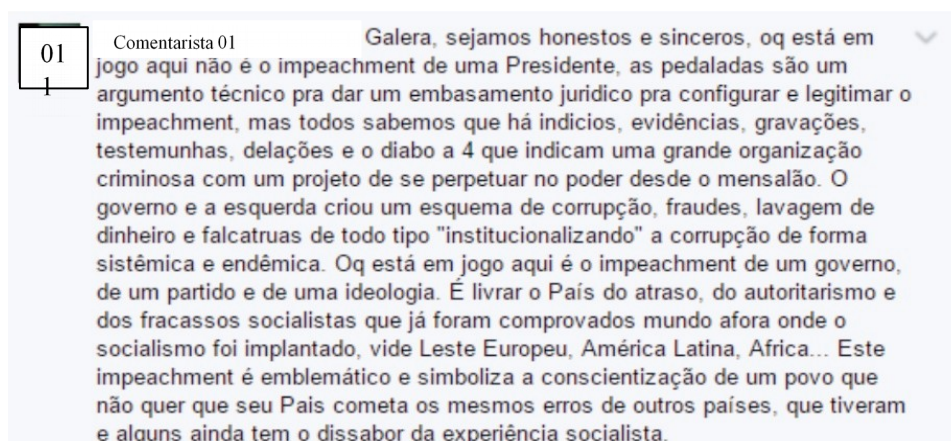


Figura 3: Comentário na fanpage Movimento Brasil Livre, Facebook.

Fonte: <https://www.facebook.com/mblivre>

O comentário acima possui como conteúdo mínimo fundamental a negação do socialismo, do Partido dos Trabalhadores (PT), da esquerda. Nessa negação, afirmam-se os aspectos marcados como negativos (disfóricos). Por outro lado, a afirmação de um possível *impeachment* marcaria a transformação de um estado disfórico, aquele no qual o sujeito de estado se encontra, para um estado eufórico, aquele em que o sujeito propõe como capaz de realizar os valores da liberdade, da realização de um sonho.

Para compreender o funcionamento do nível fundamental, temos o quadrado semiótico, proposto por Greimas, ao qual se atribui a responsabilidade pelo modelo lógico que organiza a estrutura elementar. Greimas compreende o quadrado semiótico como a “representação visual da articulação lógica de uma categoria qualquer” (GREIMAS; COURTÉS, 1979, p. 364). Assim, o quadrado é uma reunião de dois tipos de oposições binárias. O quadrado, do comentário em exame, poderia ser representado da seguinte forma (ver Figura 4):

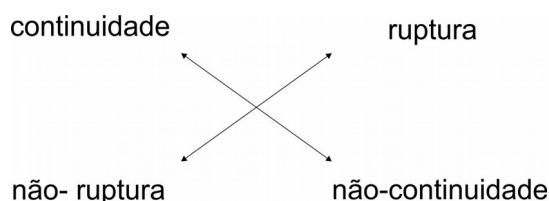


Figura 4: quadrado semiótico.

Fonte: dados da pesquisa

De acordo com as premissas de Greimas e Courtés (1979) e Barros (1994), esse nível de oposição semântica (continuidade x ruptura) constitui o nível das estruturas fundamentais, sendo essas categorias determinadas como positivas ou eufóricas ou como negativas ou disfóricas. Essa determinação, em que se marcam o eufórico e o disfórico, está vinculada ao conjunto de valores que move o sujeito responsável pelo texto. No comentário em análise, o *impeachment*, enquanto ruptura com o governo, possui valor eufórico, enquanto a continuidade do governo apresenta valor disfórico.

No nível narrativo, os elementos de oposição semântica são assumidos como valores para o sujeito, devido também à ação de sujeitos. Ou seja, trata-se de



transformar, por meio da ação do sujeito, um estado inicial de disjunção em um estado de conjunção com o objeto-valor, rompendo, portanto, com o governo que se caracteriza como corrupto, autoritário e socialista. O *impeachment* é anunciado como o fazer necessário para a disjunção com os valores disfóricos, abrindo caminho para a conjunção com um governo contrário ao que estava no poder. O objeto-valor, anunciado no comentário, é o *impeachment* em si próprio, já que não é apresentado um governo ideal como solução, por isso a necessidade de ruptura, de disjunção. Não se trata, portanto, de um percurso da disjunção para a conjunção, mas de uma conjunção disfórica para uma disjunção eufórica.

No comentário em análise, o comentarista 01 é manipulado por outro sujeito, no caso, o MBL com sua postagem inicial – “1 milhão de curtidas – Dia Histórico! Por coincidência, no dia da votação do impeachment, o MBL atinge a incrível marca de 1 milhão de curtidas. Já somos 1 milhão de guerreiros por um Brasil mais livre”. Tal ação acontece por afinidade.

Nesse sentido, o comentarista quer cumprir o contrato com o MBL para receber os valores desejados: “a liberdade do país”, “o fim da era PT”. O sujeito parte de um estado de descontentamento com a situação política do Brasil, o que determina para o sujeito um estado disfórico e, por isso, firma um contrato com o MBL em busca da liberdade, da construção de um estado eufórico, que só poderia ser concretizado, de acordo com o sujeito, a partir do *impeachment*.

Na narrativa, portanto, o MBL manipula o sujeito, sobretudo com frases como “Já somos 1 milhão de guerreiros por um Brasil mais livre; Junte-se ao MBL!”, para que o sujeito aja de modo a deixar claro suas vontades, de ser um ativista político em prol de um “Brasil mais livre”. Essa manipulação funciona como uma interpelação e pode atuar, dependendo das condições, como uma sedução ou uma provocação. Enquanto sedução, mostra a positividade de se participar de um grande grupo, “Já somos 1 milhão de guerreiro por um Brasil mais livre”. O MBL seduz o sujeito por lhe atribuir a capacidade de promover as mudanças necessárias para alcançar o estado desejado. Como provocação, o movimento diz aos sujeitos que eles não podem ficar de fora enquanto todos se envolvem e se comprometem com a mudança possível, resultando assim na fórmula “Junte-se ao MBL!”.

A última etapa do percurso gerativo é o nível das estruturas discursivas, em que é analisado o ponto de vista das relações que projetam a instância da enunciação, responsável pela produção do discurso, no enunciado. Na postagem do MBL, bem como no texto do comentarista 01, são utilizados recursos discursivos, tal como a desembreagem enunciativa, marcando o uso da primeira pessoa do plural (nós), obtendo o efeito de subjetividade e aproximação, por exemplo, “Já somos mais de 1 milhão de guerreiros”. Além disso, as oposições fundamentais, assumidas como valores narrativos, desenvolvem-se sob a forma de temas, como o tema como corrupção, autoritarismo e socialismo, figurativizados pelo Governo Dilma e o partido dos trabalhadores.

#### 4 Semiótica das paixões na *fanpage* do MBL

A inserção do tema da subjetividade e da afetividade no campo da semiótica

greimasiana não foi um movimento direto, espontâneo e livre de problemas. Antes de se propor o estudo das articulações sensíveis do discurso, o que se vinha produzindo em semiótica caracterizava-se como um estudo da ação, que priorizava os modelos narrativos, abordagem atenta para o sujeito do *fazer*. A ação tem seu regime baseado na transformação descontínua que, como observa Fontanille (2015), unia as situações *inicial* e *final*, de modo que, se o sujeito ambicioso é, inicialmente, pobre, ele se torna, depois da ação, rico. Contudo, esse movimento parece automático, na medida em que não se considera aquilo que move o sujeito a querer transformar sua situação inicial.

Com o desenvolvimento da teoria semiótica, portanto, surgiram inquietações voltadas para a modalização do *ser* e não apenas para a modalização do *fazer*. Para Greimas (2014), a paixão é entendida, inicialmente, pela semiótica, como “efeitos de sentidos de qualificações modais que alteram o sujeito de estado, o que significa que é vista como uma modalidade do *ser* ou um arranjo delas, sejam elas compatíveis ou incompatíveis” (GREIMAS, 2014, p. 225-46). As combinações modais que dão origem aos efeitos passionais são provisórias e determinadas pela cultura.

Em *Semiótica das Paixões*, Greimas e Fontanille (1993, p. 21) descrevem que as paixões aparecem no discurso como portadoras de efeitos de sentido muito particulares, sendo determinadas pela organização discursiva das estruturas modais do *querer/dever* e do *saber/poder*. Assim, “as paixões não são propriedades exclusivas dos sujeitos (ou do sujeito), mas propriedades do discurso inteiro” (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 21).

Para que as paixões possam ser compreendidas em um discurso, elas devem estar na disposição do todo de uma estrutura modal e não apenas em parte dela. Ou seja, para ganhar sentido em um discurso, as paixões devem estar interligadas na organização das estruturas modais que se encontram no decorrer do texto.

Fontanille (2015) apresenta um outro esquema passional, baseado naquele que Greimas e ele (1993) haviam apresentado em *Semiótica das Paixões*, a partir do qual se tem por objetivo organizar as etapas lógicas dos percursos passionais, conforme assumiremos em nossa análise:

### **despertar afetivo – disposição – pivô passional – emoção – moralização**

O despertar afetivo sinaliza a etapa em que o actante é abalado por uma presença que afeta seu corpo. A disposição rege o momento em que se dá a formação da imagem passional, cena ou cenário que promoverá no sujeito o prazer ou o sofrimento. O pivô passional remete ao movimento da transformação passional, conforme explica o autor: “É somente ao longo do pivô passional que o actante conhecerá o sentido da perturbação (despertar) e da imagem (disposição) que o afetam” (FONTANILLE, 2015, p. 131).

A emoção é o resultado do pivô passional, no qual o corpo do actante reage à tensão que ele sofre. Cabe destacar que paixão e emoção são correlatos diferentes. Segundo Fontanille e Zilberberg (2001, p. 299), a paixão é uma configuração discursiva, que seria, antes de mais nada, “um acontecimento em sentido estrito, isto é, uma transformação apreendida e reconhecida por um observador”, enquanto a emoção exige apenas um corpo que sente. De modo bem simplista, podemos concluir que a paixão tem nome, ou seja, *amor*, *ódio*, *esperança*, já a emoção é uma perturbação que só ganha forma e passa a ser dizível quando está associada a uma paixão.

Por fim, o último item do esquema passional de Fontanille (2015) é a moralização. É nesse nível que a paixão pode ser avaliada, mensurada e julgada. O autor explica ainda que todo esquema passional é composto de vários esquemas tensivos, que vão da tensão ao relaxamento, e vice-versa. Esses esquemas podem ser definidos a partir da variação entre o sensível (intensidade) e o inteligível (extensidade), em que o aumento da intensidade leva à tensão e o aumento da extensão conduz ao relaxamento. Observemos o exemplo abaixo na Figura 5:

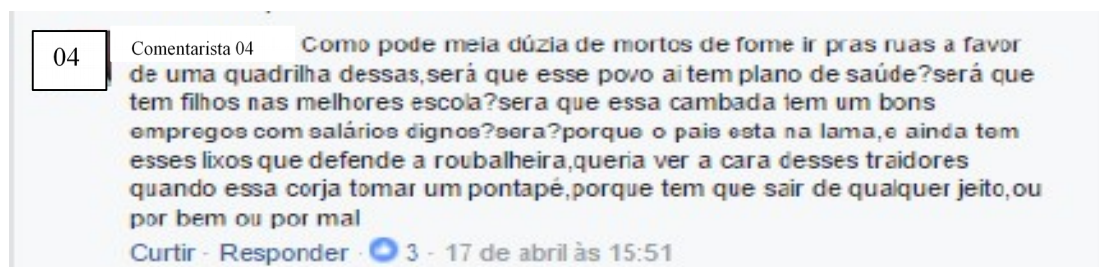


Figura 5: Comentário comentarista 04 na *fanpage* Movimento Brasil Livre, Facebook.

Fonte: <https://www.facebook.com/mblivre>

O recorte anterior foi retirado da publicação do MBL intitulada: “Dia histórico! Por coincidência, no dia da votação do impeachment, o MBL atinge a incrível marca de 1 milhão de curtidas nessa página”, do dia 17/04/2016. O comentário noticia o posicionamento do enunciador/destinador, o comentarista 04, em busca do objeto-valor fim do governo Dilma Rousseff e de seus apoiadores. Dessa maneira, fica predominante um discurso de aversão, revolta aos apoiadores de Dilma Rousseff, como se nota no excerto abaixo:

Excerto 01 (Comentarista 04)

Como pode meia dúzia de mortos de fome ir pras ruas a favor de uma quadrilha dessas, será que esse povo aí tem plano de saúde? será que tem filhos nas melhores escolas? sera? Porque o país esta na lama, e ainda tem esses lixos que defendem a roubalheira, queria ver a cara desses traidores quando essa corja tomar um pontapé, porque tem que sair de qualquer jeito, ou por bem ou por mal.

O lexema aversão, segundo o dicionário de Língua Portuguesa Michaelis (DICIONÁRIO, 2016), significa “repulsa em relação a algo ou a alguém; abominação, antipatia, repugnância”, enquanto o lexema revolta significa “ato ou efeito de revoltar(-se). Manifestação coletiva de rebeldia, armada ou não, contra qualquer autoridade ou a ordem estabelecida; insurreição, levante, motim, rebelião Sentimento de raiva diante de afronta, injustiça ou atitudes agressivas; indignação, repulsa, repulsão”. O comentarista 04 sente, portanto, repulsa, antipatia em relação aos manifestantes pró-Dilma (“como pode meia dúzia de mortos de fome ir pra ruas a favor de uma quadrilha dessas”).

O percurso passional da aversão parte de um estado de *espera*, um *querer não estar* em conjunção com o governo no qual os manifestantes, no ponto de visto do enunciador 04, defendem. No entanto, o sujeito comentarista 04 tem o contrato de confiança com o governo Dilma Rousseff quebrado, pois ele tinha o /poder-fazer/ melhorias no país, em áreas como educação, saúde e economia, mas, na perspectiva do

enunciador, não o fez (“será que esse povo tem plano de saúde? Será que tem filhos nas melhores escolas? Será que essa cambada tem bons empregos com salários dignos? Será? Porque o país está na lama”). O contrato é quebrado sobretudo com os apoiadores do governo da então presidente, que, na perspectiva do comentarista 04, também deveriam estar indignados, revoltados com a situação do país, gerando um núcleo passional de revolta, indignação.

Com a quebra do contrato, aparecem paixões malevolentes, como a indignação, que se associa a um *querer fazer mal*, relacionada ao que Greimas (2014) considera como malevolente. Para o autor, a malevolência é “interpretada como um *querer fazer* original que surge de um estado – e não de um fazer – passional” (GREIMAS, 2014, p. 244). Dessa maneira, enquanto malevolente, a indignação torna-se uma paixão tensa da falta, em que o comentarista 04 */quer fazer mal/* aos apoiadores de Dilma Rousseff e a própria presidente, como observado em sua fala final: “queria ver a cara desses traidores quando essa corja tomar um pontapé, porque tem que sair de qualquer jeito, ou por bem ou por mal”.

No percurso canônico passional, o despertar afetivo ocorre com um aumento da intensidade, pois há uma agitação quando ela percebe que havia manifestantes nas ruas em defesa do governo Dilma (“como pode meia dúzia de mortos de fome ir pra ruas a favor de uma quadrilha”). Como pivô passional, ou seja, sua transformação, o comentarista passa a conhecer sua perturbação (despertar) e a imagem que a afeta (disposição), sendo atingido por um papel passional identificado: a insatisfação com o governo de Dilma Rousseff. Esse sentimento pode ser observado com sua declaração de que “o país está na lama”, mas também com o seu desapontamento recrudescido ao notar que “ainda tem esses lixos que defendem a roubalheira”.

Sua declaração “queria ver a cara desses traidores quando essa corja tomar um pontapé, porque tem que sair de qualquer jeito, ou por bem ou por mal” pode ser considerada resultado perceptível da emoção, pois são produtos resultantes das emoções sentidas pelo comentarista 04 diante de uma situação que, para ele, seria inesperada, devendo, portanto, ter consequências extremas. A moralização, nesse sentido, ajuda na explosão da paixão, mostrando sua aversão aos manifestantes pró-Dilma. Nesse comentário podemos identificar um aumento da tensão. Portanto, parte-se de uma situação de relaxamento e em direção a uma de tensão, gerando um crescimento progressivo da indignação com manifestantes. Teríamos, portanto, o seguinte esquema tensivo (Figura 6):

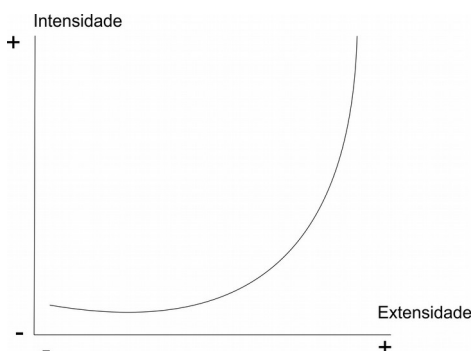


Figura 6: gráfica de ascensão.

Fonte: Dados da pesquisa – gráfico de ascensão.

Inicialmente, temos um aumento da intensidade, quando o sujeito comentarista 04 inicia seu discurso de maneira enérgica, diante de uma situação inesperada, um acontecimento, tendo como resultado uma tensão, que até aquele momento ainda não tinha sido resolvida. Temos, portanto, uma relação conversa, na qual a indignação aumenta quanto mais se passa o tempo da conjunção disfórica, quanto maior é o número de manifestantes pró-Dilma.

Outro ponto para se observar é a recorrência do verbo *ser* conjugado no futuro do presente do indicativo (*será*). Esse recurso de linguagem permite que o comentarista utilize a mesma palavra “*será*” sucessivamente, no início de cada nova oração, objetivando dar mais ênfase a sua indignação, tornando sua mensagem mais expressiva e passional. Esses traços semânticos ensejam o caráter disfórico do universo de valores relacionados aos apoiadores de Dilma Rousseff, constituídos como antissujeitos.

#### **4.1 Paixões simples e complexas – entendendo os arranjos modais**

Retomando os estudos de Greimas, Barros (1990, p. 61), distingue paixões simples e paixões complexas. As paixões simples recaem sobre o objeto, implicando em um único arranjo modal da relação sujeito-objeto, como a paixão do desejo. De acordo com o dicionário *Michaelis* (2019), o lexema desejo é definido como “ato ou efeito de desejar; aquilo que se procura alcançar quando se faz alguma coisa”. O desejo, portanto, é tido como uma busca em alcançar um dado objeto-valor. Segundo Barros (1990, p. 61), o desejo é uma paixão simples decorrente da modalização pelo */querer-ser/*. Os comentários analisados até então buscam um arranjo modal (*querer-ser*) querer ser livre do governo de Dilma Rousseff.

Por sua vez, Greimas (2014) explica que, quando se trata de estudar uma paixão complexa,

nos vemos diante de uma sequência discursiva constituída por uma imbricação de estados e fazeres que devem ser decompostos, para que neles se identifiquem unidades sintagmáticas autônomas, e recompostos em uma configuração passional que poderá ser considerada sua definição (GREIMAS, 2014, p. 234)

Nesse sentido, Barros (1990) reforça que as paixões complexas são resultados de um encadeamento de paixões que formam um percurso. Para ela, esse percurso conta com uma variação tensiva, entre tensão passional e relaxamento. Vejamos a Figura 7:



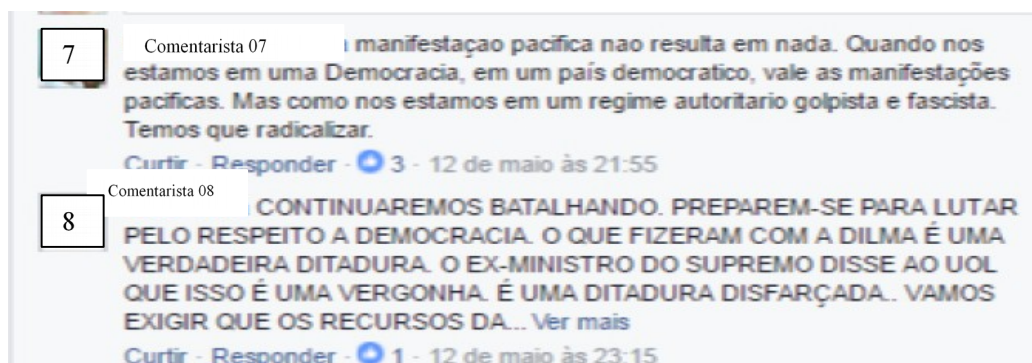


Figura 7: Comentário na fanpage Movimento Brasil Livre, Facebook.

Fonte: <https://www.facebook.com/mblivre>

Nesse comentário, podemos destacar a cólera como paixão. De acordo com Greimas (2014, p. 234), a cólera pode ser compreendida como “violento descontentamento acompanhado de agressividade”. Como paixão complexa, ela segue uma sequência que implica uma sucessão de confiança – espera – frustração – descontentamento – agressividade – explosão.

Na primeira etapa, há uma relação de confiança, instaurada por meio de um “crer” em alguém. A confiança pode ser instalada tanto de maneira informal, afetiva ou formal, sob a forma do contrato, ou, ainda, por meio de uma promessa. No comentário, pressupomos que a confiança estava nas manifestações pacíficas, que possivelmente gerariam um resultado positivo.

A espera, segunda etapa, conforme explica Greimas (2014, p. 238) não é uma simples vontade, ela se “inscreve no quadro constituído pela confiança: o sujeito de estado ‘pensa poder contar’ com o sujeito de fazer para a realização de ‘suas esperanças’ e/ou de ‘seus direitos’”. Com isso, o comentarista 05 crê que as manifestações passivas (o estado esperado) iram ajudar a tirar o Governo de Dilma Rousseff do poder e crê que os manifestantes (aquele que deve realizar o esperado) terão força para tal.

A frustração constitui a terceira fase desse percurso. Nela, o sujeito da cólera tem a privação do objeto desejado, uma decepção. No caso em análise, ao ver que as manifestações ainda não estão surtindo efeito desejado, o comentarista frustra-se. Na próxima etapa, o descontentamento, segundo Greimas (2014, p. 242), aparece como um pivô passional, no qual o sujeito avalia o que ele tem e o que ele esperava, e se encontra numa situação insatisfatória.

Posto isso, o sujeito entra em uma fase de inquietação e agitação e parte para a penúltima fase, a agressividade. Nessa etapa, o sujeito se prepara para o confronto, um poder-fazer que pode se transformar em ódio ou em vingança. A explosão – último passo – ocorre quando o sujeito resolve as tensões acumulados, como no comentário 07, no qual o comentarista afirma, implicitamente, que é necessário uma manifestação não pacífica, já que o país, na concepção dele, vive em um governo autoritário no qual a passividade não se justifica. Desse modo, a cólera é caracterizada por sua intensidade e aceleração, caracterizando-se como uma paixão “violenta” (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 18).

As paixões complexas derivam, portanto, de uma organização narrativa patêmica, partindo de um estado de espera até atingir, ou não, o objeto desejado. Para Greimas

(2014), o estado inicial do sujeito no desenvolvimento de um percurso passional pressupõe uma situação de espera, na qual se estabelece uma relação entre o sujeito nesse estado inicial e uma imagem-fim, isto é, a expectativa que o sujeito tem em relação a todo o percurso passional. Ela é definida por dois arranjos modais: *querer-ser* e o *crer-ser*.

O sujeito de espera deseja entrar (*querer-ser*) em conjunção ou em disjunção com seu objeto-valor, porém, ele não pretende fazer nada para transformar seu estado inicial, uma vez que estabelece uma relação de confiança e acredita/espera (*crer-ser*) que um outro sujeito fará a transformação de estado que ele deseja. Estabelece assim um contrato imaginário, ou, como diria Greimas (2014), uma construção de simulacros, objetos imaginários que, mesmo assim, determinam as relações intersubjetivas.

## 5 Considerações finais

Este artigo pretendeu realizar um breve estudo das paixões, via Semiótica das Paixões, para investigar como a paixão mobiliza o ciberativismo nos comentários da *fanpage* do Movimento Brasil Livre (MBL), página declarada como de direita, durante o período de *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff, em 2016.

Constatamos, nos comentários analisados, que os comentaristas assumem um papel de ciberativistas, utilizando o espaço de comentário do Facebook para manter suas tradicionais lutas. Dentre as três categorias propostas por Vegh sobre o ciberativismo, a saber, conscientização/apoio, organização e mobilização e *hackativismo*, os comentários vão ao encontro das duas primeiras propostas, em que a conscientização diz respeito ao MBL funcionar como uma fonte alternativa de informação e a organização e mobilização relaciona-se ao espaço comentário, que se torna um “palco” para mobilização de ações, sejam elas *online* ou *offline*.

Portanto, ao dar espaço em sua *fanpage* para que os comentaristas executem tais mobilizações e comentários, o MBL se comporta como um sujeito de fazer, que doa competências modais do *poder* e *dever* comentar, e, ao realizar tão ação (*performance*), os comentaristas deixam exteriorizar seus posicionamentos. Além disso, em algumas passagens é possível notar que os comentaristas agem como destinadores-julgadores, sancionando positivamente a ação do MBL, principalmente no que se refere à organização e mobilização, ou seja, à organização de atos ativistas, sejam eles *online* ou *offline*.

Fica evidente ainda que o MBL construiu um discurso de quebra de contrato, de uma crise de confiança com a presidente Dilma Rousseff e seu partido PT. Diante do rompimento do contrato, em que o sujeito esperava entrar em conjunção com um país bem governado, ocorre a decepção, que vai gerar também um sentimento de frustração. A partir dessa paixão e desse sentimento de frustração/insatisfação com o rompimento do contrato, o MBL construirá o seu discurso e buscará mobilizar as pessoas, como aparece em sua página ao se autodefinir como uma “entidade suprapartidária que visa a mobilizar cidadãos em favor de uma sociedade mais livre, justa e próspera” (FACEBOOK, 2017).

Dito isso, as paixões que sobressaem nos comentários – aversão, cólera e indignação – dizem respeito justamente a essa quebra de contrato com o governo Dilma Rousseff e a busca pelo objeto valor – *impeachment*. Tais paixões são complexas e de

malevolência, na qual a cólera e a indignação são modalizadas por um *querer fazer mal* e a aversão é modalizada por um *querer não fazer bem*. Portanto, há uma construção entre as ações do ciberativismo por meio do MBL, que são sancionadas pelos comentaristas e esses deixam transparecer paixões de malquerença, definidas pelo *querer fazer*, que marcam o sentimento de frustração e decepção perante o governo petista.

## Referências

BARROS, D. L. P. de. *Teoria semiótica do texto*. 4 ed. São Paulo: Ática, 1994.

BARROS, D. L. P. de. Paixões e apaixonados: exame semiótico de alguns percursos. *Cruzeiro semiótico*, Porto, v. 11/12, p. 60-73, 1989/1990.

DICIONÁRIO Michaelis. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em: 21 nov. 2017

FACEBOOK. Movimento Brasil Livre. Disponível em: <https://www.Facebook.com/mblivre/>. Acesso em: 16 nov. 2017.

FONTANILLE, J. *Semiótica do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2015.

GREIMAS, A. J. *Sobre o sentido II – Ensaios semióticos*. São Paulo: Nankin: Edusp, 2014.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Cultrix, 1979. Impresso na Editora Pensamento.

GREIMAS, A. J.; FONTANILLE, J. *Semiótica das paixões*. São Paulo: Ática, 1993.

LARA, G. M. P.; MATTE, A. C. F. *Ensaios de semiótica: aprendendo com o texto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

MARQUES, F. P. J. A.; SAMPAIO, R. C. Internet e Eleições 2010 no Brasil: Rupturas e continuidades nos padrões midiáticos das campanhas políticas online. *Galáxia*, São Paulo, n. 22, 2011.

OLIVEIRA, L. A. de. Disputa Eleitoral de 2014: As velhas práticas políticas num contexto de novas configurações midiáticas. In: ASSUNÇÃO, A. L. *et al.* (org.). *As letras da política*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2015. p. 185-201. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/7065>. Acesso em: 08 dez. 2019.

RESENDE, N. S. G. de. *As paixões no ciberativismo: as paixões no ciberativismo: análise semiótica dos comentários das fanpages do Movimento Brasil Livre (MBL) e da Frente Brasil Popular (FBP)*. 2018. 130 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Letras, Universidade Federal de São João Del-rei, São João Del-rei, 2017. Disponível em: <https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/mestletras/Dissertacao%20Natalia%20Silva>

[%20Giarola%20de%20Resende.pdf](#). Acesso em: 28 maio 2018.

VEGH, S. Classifying forms of online activism: the case of cyberprotests against the World Bank. In: MCCAUGHEY, M., AYERS, M. D. (ed.). *Cyberactivism: online activism in theory and practice*. London: Routledge, 2003. p. 71-95.

Recebido em dia 14 de setembro de 2019.

Aprovado em dia 22 de outubro de 2019.